

Anais do

9^o ENCONTRO ESTADUAL DE MUSEUS

17 a 19 de novembro de 2025
Curitiba



GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

Carlos Massa Ratinho Junior

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

Darci Riane

SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA

Luciana Cosagrande Pereira

DIRETORA-GERAL DA SEEC

Cléti de Souza Vilela

DIRETOR DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

André Justino

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Fernanda Maldonado

COORDENAÇÃO DO SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS

COORDENADOR DO SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS

Cassio Donato

ASSESSORES

Edivan da Silva Costa

Ellen Cunha do Nascimento

Izla Fernando Nunes

Wanessa C. W. Holnacki

ADMINISTRATIVO

Giovana Maria de Melo Teixeira

RESIDENTE TÉCNICO - HISTÓRIA

Izla Guilherme da Silva Junges

RESIDENTE TÉCNICA - MUSEOLOGIA

Nicole Pereira da Silva

ESTAGIÁRIAS - MUSEOLOGIA

Ann Leigh Oliveira

Bianca Hara

Gabriela de Morafigo Krick

Izla Bemez

ESTAGIÁRIO - DESIGN

Guilherme Abrahão N. Costa

Ao reunir reflexões, pesquisas e experiências representativas das oito macrorregiões culturais do Paraná, reafirmamos a relevância deste evento, que estabeleceu um diálogo importante entre gestores, educadores, pesquisadores e Estado.

Esta publicação evidencia nosso compromisso com a democratização da cultura, a qualificação técnica dos profissionais da memória e a valorização das nossas instituições. Celebramos a trajetória de 35 anos da Coordenação do Sistema Estadual de Museus (COSEM), e o fortalecimento que o campo museológico paranaense tem vivido por meio de políticas públicas sólidas, descentralizadas e integradas.

Os museus são espaços de cidadania e reconhecimento. Que estas páginas sirvam como instrumento de consulta e inspiração, renovando nosso reconhecimento a quem constrói, cotidianamente, o patrimônio do Paraná. ■

Luciana Casagrande Pereira

Secretária de Estado da Cultura do Paraná

É com profunda satisfação que apresentamos estes Anais do 2.^o Encontro Estadual de Museus do Paraná, marca significativa para o campo museal e para todos os profissionais que atuam nas múltiplas frentes da preservação, mediação, pesquisa e gestão da memória no Estado. Reunimos no encontro representantes das oito macrorregiões culturais – Metropolitana, Campos Gerais, Norte, Noroeste, Oeste, Centro-Sul, Sudoeste e Litoral – territórios diversos que, em sua singularidade histórica, cultural e ambiental, compõem o amplo e plural cenário museológico paranaense. A presença de cada região reafirma a potência da diversidade que nos constitui e evidencia a importância de promover espaços de escuta, troca e construção conjunta.

Esse momento assume um sentido que ultrapassa a celebração: ele representa a retomada de um diálogo coletivo interrompido pelo tempo, mas não pela necessidade de articulação. Encontrar-se novamente é reafirmar compromissos, fortalecer trajetórias e renovar a consciência de que os museus, enquanto instituições vivas, precisam do encontro para continuar existindo como espaços de crítica, criação e transformação social.

[...] 1/3

[...]

Registramos nossos agradecimentos à Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, cuja atuação contínua tem garantido a consolidação de políticas públicas voltadas ao setor. Destacamos, em especial, o papel estratégico desempenhado pela Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná – COSM, integrada à Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural, cuja atuação sólida e articuladora tem sido fundamental para o desenvolvimento do campo. Celebremos, ainda, os 35 anos de criação do COSM, instituído por lei como uma ação pioneira e visionária, que estabeleceu bases duradouras para a estruturação de um sistema comprometido com a qualificação técnica, a valorização institucional e a democratização do acesso ao patrimônio museal paranaense.

Os dias de atividades que compuseram este encontro foram planejados com o propósito de estimular o debate, a reflexão e o compartilhamento de práticas, sabendo que o campo museal se sustenta no movimento e na participação. A programação buscou contemplar diferentes dimensões da fazer museológica – da gestão à educação, da conservação à comunicação –, reconhecendo, entretanto, que muito ainda há a ser construído. Por isso, reafirmamos que este é um processo aberto, vivo e colaborativo: críticas, sugestões e contribuições são não apenas bem-vindas, mas necessárias para orientar as próximas passas do Sistema Estadual de Museus.

[...] 1/3

[...]

Encerramos esta apresentação lembrando que o Encontro Estadual de Museus é um espaço que pertence a todos que constroem, cotidianamente, os museus e processos museológicos no Paraná. Aqui, cada voz importa, cada experiência fortalece e cada contribuição amplia nossa compreensão coletiva sobre o papel dos museus na sociedade contemporânea. A COSEM reafirma seu compromisso como eixo de articulação e mediação, mantendo-se à disposição das instituições, profissionais e comunidades que acreditam na força dos museus como instrumentos de memória, cidadania e transformação cultural.■

Paulo Donato

Coordenador do Sistema Estadual de Museus



SUMÁRIO

- pg. 09** Painei 1 – Gestão de museus: desafios atuais
- pg. 16** Painei 2 – Gestão de acervos: práticas de conservação preventiva
- pg. 19** Painei 3 – Profissionalização e qualificação em museus
- pg. 29** Painei 4 – REM-PR Rede de Educadores em Museus do Paraná com comitê gestor da REM
- pg. 36** Painei 5 – Sistema Estadual de Museus do Paraná: histórico e perspectivas (Museu Oscar Niemeyer)
- pg. 43** Palestra – Salvar memórias, cuidar do futuro: museus, desastres e resistência
- pg. 62** Rede SIMUS – Rede Sistemas Estaduais de Museus
- pg. 66** IV ENCOREM SR – Encontro dos Profissionais Museólogos da 5.ª Região
- pg. 69** Oficina “Mediação como experiência” (Museu Oscar Niemeyer)
- pg. 73** Oficina “Guardar uma coisa é olhá-la”: visita à reserva técnica (Museu Paranaense)
- pg. 76** Oficina “Como nasce um museu? Ferramentas e processos de criação do Programa de Extensão Comunitária do Centro Pompidou Paraná” (Biblioteca Pública do Paraná)
- pg. 78** Oficina “O Museu como território de diálogo: o caso ‘Desse Lado do Muro’ do MES-PR” (Museu da Imagem e do Som do Paraná)
- pg. 82** Oficina “Conhecendo o Centro de Pesquisa e Documentação do Museu de Arte Contemporânea do Paraná” (MAC-PR)
- pg. 85** Oficina “Como estruturamos uma vivência artística para o público infantil-juvenil no CJAP” (Centro Juvenil de Artes Plásticas)
- pg. 89** Oficina “Por dentro do setor educativo do MAA” (Museu Alfredo Andersen)



Painel 1

Gestão de museus: desafios atuais

Mediador

André Avelino da Silva

Palestrantes

Carolina Valentim Loch, Cel. Sald Zandim, Gabriela
Ribeiro Bertega, Juliana Fuganti Casagrande,
Juliana Vozniko, Luiz Gustavo Vardonega Vidal
Pinto e Mirele Camargo

Palavras-chave

Política pública

Museus

Encontro Estadual de Museus

Cauê Donato

Coordenador do Sistema Estadual de Museus

Uma das experiências mais significativas do IX Encontro Estadual de Museus do Paraná, realizado em novembro de 2023, foi acompanhar, no primeiro dia de programação, a mesa que reuniu as direções dos museus vinculados à Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Mais do que uma sequência de apresentações institucionais, aquele momento tornou visível a diversidade de instituições, acervos, missões e formas de administração que compõem a política museológica estadual.

Participaram da mesa as direções do Museu Paranaense, do Museu da Imagem e do Som do Paraná, do Museu de Arte Contemporânea do Paraná, do Museu Alfrede Andersen, do Museu do Expedicionário, do Museu Oscar Niemeyer e do Museu Internacional de Arte – Centre Pompidou Paraná. Reunir essas instituições em um mesmo espaço permitiu construir um panorama da atuação dos museus estaduais e compreender como cada gestão procura responder às características específicas de seu acervo, de sua trajetória institucional e dos públicos com os quais se relaciona.

Cada diretor e diretora apresentou o museu sob sua responsabilidade, abordando sua história, missão, natureza dos acervos, programas, estrutura administrativa e principais desafios. Embora fossem exposições individuais, as falas se complementaram e demonstraram que a gestão museológica não pode ser dissociada da identidade, da vocação e das condições concretas de funcionamento de cada instituição.

[—]

O Museu Paranaense apresentou-se como uma instituição fundamental para a pesquisa, a preservação e a comunicação das diferentes histórias e formações sociais do Paraná. Sua gestão envolve coleções históricas, arqueológicas e antropológicas, articulando salvaguarda, produção de conhecimento, revisão crítica de narrativas e aproximação com diferentes comunidades e territórios.

No Museu da Imagem e do Som do Paraná, ganharam destaque as especificidades da preservação do patrimônio audiovisual. Fotografias, filmes, registros sonoros, equipamentos e outros suportes exigem procedimentos próprios de documentação, conservação, digitalização e acesso. Sua gestão envolve, portanto, não apenas a preservação física das coleções, mas também a atualização tecnológica necessária para assegurar a permanência e a difusão dessas memórias.

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná apresentou os desafios próprios de uma instituição dedicada à arte moderna e contemporânea e responsável pela preservação de uma importante coleção pública. Sua atuação articula gestão de acervo, pesquisa, curadoria, produção de exposições, circulação de obras e diálogo permanente com artistas, pesquisadores e instituições culturais. Também evidenciou a complexidade de desenvolver suas atividades no contexto de reforma da sua sede histórica, com o desafio de seguir preservando sua identidade e ampliando a presença pública de seu acervo.

[—] 2/4

[...]

O Museu Alfredo Andersen, por sua vez, demonstrou as particularidades da gestão de um museu-casa. Nesse contexto, a preservação do edifício, dos ambientes, dos objetos e da produção artística relaciona-se diretamente à trajetória da personalidade que dá origem à instituição. Ao mesmo tempo, sua direção mostrou que preservar esse legado não significa imobilizá-lo, mas criar exposições, pesquisas, atividades formativas e ações educativas capazes de atualizar a relação entre a obra de Alfredo Andersen, a história da arte no Paraná e os públicos contemporâneos.

A participação do Museu do Expedicionário trouxe à mesa a gestão de uma instituição dedicada à memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, especialmente à trajetória dos paranaenses que integraram a Força Expedicionária Brasileira. Seu acervo documental, iconográfico e tridimensional exige uma atuação comprometida com a preservação, a pesquisa e a contextualização histórica. Sua direção evidenciou a responsabilidade de comunicar esse patrimônio de maneira educativa e acessível, relacionando memória, história pública e cidadania.

[...] 4/6

[...]

O Museu Oscar Niemeyer apresentou uma realidade institucional de grande escala, marcada por um acervo expressivo, intensa programação expositiva, elevada visitação e projeção nacional e internacional. Sua participação também permitiu conhecer uma forma distinta de administração, realizada por uma entidade privada sem fins lucrativos (organização social) em articulação com o Estado. Esse modelo envolve instrumentos próprios de planejamento, pactuação de metas, acompanhamento, avaliação de resultados e mobilização de recursos, mantendo o compromisso público que deve orientar a atuação da instituição.

Já o Museu Internacional de Arte – Centre Pompidou Paraná trouxe a perspectiva singular de um museu ainda em implantação. Diferentemente das demais instituições, sua apresentação partiu do próprio processo de criação de um novo equipamento museológico. Foram abordadas a construção de sua identidade institucional, a elaboração de seu projeto museológico, a implantação da estrutura arquitetônica e administrativa e a cooperação estabelecida entre o Governo do Paraná e o Centre Pompidou, da França. Sua participação evidenciou que um museu começa a existir muito antes de abrir suas portas: ele nasce nas escolhas conceituais, técnicas, arquitetônicas, administrativas e políticas que orientarão sua atuação futura.

[...] 4/4

[...]

As apresentações permitiram reconhecer diferentes contextos de gestão. De um lado, estavam os museus integrantes da administração direta da Secretaria de Estado da Cultura, cujas direções atuam no interior da estrutura administrativa estadual e precisam articular-se com diferentes setores governamentais para viabilizar equipes, manutenção, contratações, exposições, ações educativas e conservação dos acervos. De outro, o Museu Oscar Niemeyer apresentou seu modelo de gestão em parceria com uma entidade privada sem fins lucrativos. Somava-se a essas experiências a situação particular do Centre Pompidou Paraná, em processo de implantação e de estruturação progressiva de seu modelo institucional.

A diversidade apresentada demonstrou que não existe um único modelo administrativo aplicável a todos os museus. Cada arranjo possui possibilidades, limites, responsabilidades e mecanismos próprios. As diferenças de gestão, entretanto, não afastam os compromissos compartilhados: todos os museus precisam atuar a partir de uma missão definida, de planejamento museológico, de equipes qualificadas e de políticas permanentes de acervo, pesquisa, comunicação, educação, acessibilidade, segurança e gestão de riscos.

[...] 5/6

[...]

A maior potência daquela mesa esteve justamente na possibilidade de enxergar os museus para além de seus edifícios e exposições. As falas das direções revelaram o trabalho que sustenta cotidianamente cada instituição: as decisões técnicas, os procedimentos administrativos, a gestão das equipes, o cuidado com as coleções, a busca por recursos e as estratégias desenvolvidas para aproximar o museu da sociedade. A mesa materializou, de alguma maneira, a própria ideia de sistema: instituições singulares em suas missões, acervos e estruturas, mas conectadas por responsabilidades comuns e por uma política pública que deve reconhecer suas especificidades, favorecer a cooperação e criar condições para seu desenvolvimento.

Ao final, ficou evidente que dirigir um museu significa articular muitas dimensões simultaneamente. É preciso relacionar preservação e acesso, memória e contemporaneidade, rigor técnico e capacidade administrativa, planejamento institucional e diálogo social. A direção ocupa justamente esse lugar de mediação, transformando princípios museológicos e diretrizes da política cultural em decisões, programas e experiências concretas para a sociedade ■

Painel 2

Gestão de acervos: práticas de conservação preventiva



Mediadora

Tamara Evangelista

Palestrantes

Humberto Imbrunisi, Samantha Donner e Vivian

Letícia Busnardo Marques

Tamara Evangelista

17 PAINEL 2 Gestão de acervos: práticas de conservação preventiva

Pensar a conservação e a preservação em museus e instituições museais é sempre um desafio. Existe o mundo ideal, no qual os museus dispõem de recursos para colocar em prática todos os saberes e fazeres construídos ao longo de centenas de anos por inúmeras pessoas. E existe a realidade, na qual as instituições buscam preservar seus acervos apesar da escassez de recursos financeiros e de pessoal especializado. A conservação e a preservação de acervos vão além da preservação da matéria. São ações que visam à salvaguarda e à integridade do patrimônio musealizado, bem como de todos os saberes, contextos e informações a ele associados. De tal forma, a conservação deve ser compreendida como um conjunto de ações articuladas que envolve pesquisa, documentação, monitoramento, gestão de riscos, conservação preventiva e, quando necessária, intervenções curativas e o restauro. Preservar um acervo não significa apenas garantir a estabilidade física dos objetos, mas também assegurar a permanência dos valores, significados e informações que lhes conferem relevância patrimonial. A documentação adequada, a definição de protocolos institucionais, a qualificação das equipes e o planejamento das ações de preservação constituem, portanto, elementos indissociáveis da gestão dos acervos museológicos, permitindo que esses bens continuem a cumprir sua função social como fontes de conhecimento, memória e produção de novas interpretações e produção de conhecimento.

[...] 1/3

18 Painel 2 Gestão de acervos: práticas de conservação preventiva

[...]

Parabenizo a COSEM pela iniciativa de retomar um evento tão importante para a consolidação do campo museal paranaense, bem como pela proposta de organizar mesas e cursos que contribuam para o cotidiano das instituições museais do Paraná. Considero especialmente relevante a construção de um painel que apresente diferentes possibilidades de ações de preservação, contemplando desde a preservação da informação – fundamental para a catalogação do acervo e o registro de sua trajetória após a musealização – até a elaboração de manuais com diretrizes e parâmetros para a conservação de acervos, além de ações de conservação curativa e de restauração■



Painel 3

Profissionalização e qualificação em museus

Mediadora

Tony Balta

A formação em Museologia:

**A formação em Museologia: profissionalizando e
qualificando pessoas museólogas do Paraná**

Pensar a formação em Museologia no Brasil não é uma tarefa simples. Trata-se de uma área marcada pela interdisciplinaridade desde sua origem, atravessando distintos campos do saber e dialogando com práticas, instituições e discursos diversos. A complexidade, no entanto, não está apenas na natureza híbrida da Museologia, mas também na maneira como sua formação acadêmica se estrutura no país e nos efeitos concretos dessa estruturação no exercício profissional. Isso se revela de modo evidente quando observamos o cenário nacional, no qual os cursos de Museologia se vinculam a diferentes departamentos: artes visuais, história, antropologia, turismo, comunicação, ciência da informação, direito ultrapassando as fronteiras das ciências sociais aplicadas, área onde se localiza a Museologia brasileira. A heterogeneidade formativa deriva de um processo histórico de institucionalização descentralizado, no qual cada Universidade moldou o currículo visando atender demandas do território. A heterogeneidade formativa deriva de um processo histórico de institucionalização descentralizado, no qual cada universidade moldou o currículo segundo sua própria composição docente, vocação institucional e relação com os museus locais. Essa diversidade confere riqueza, mas produz perfis profissionais distintos, com ênfases diversas entre documentação, gestão, comunicação museológica, educação, conservação, patrimônio ou museologia social.

[...] 1/1

[—]

Nesse panorama de dispersão formativa e multiplicidade de percursos, o estado do Paraná representa um caso singular e recente de organização institucional, com a criação de um curso de Museologia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), ofertado no Campus Curitiba I (antiga IMBAP). A implantação do curso em 2019 consolidou um passo importante para a profissionalização do campo museológico paranaense, que até então dependia de formação externa ou de trabalhadores atuando sem formação específica (Unespar, 2022). O estabelecimento do curso, além de suprir uma demanda regional, integra a política de expansão universitária da UNESPAR, Universidade multicampi que já possuía trajetória consolidada em artes, patrimônio, licenciaturas e formação cultural. Inserir a Museologia nesse contexto não apenas amplia a oferta de cursos da instituição, mas também articula uma resposta concreta às necessidades dos museus e espaços de memória do estado (UNESPAR, 2022).

[—] 2/8

[...]

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (UNESPAR, 2022), atualizado para ingressantes a partir de 2022, revela uma proposta formativa fortemente alinhada às demandas da Museologia contemporânea. Ele afirma que o curso tem como finalidade compor o quadro técnico-qualificado dos diversos espaços museológicos do Paraná e formar profissionais capazes de intervir criticamente na realidade cultural, patrimonial e museal do estado (UNESPAR, 2022). A matriz curricular apresenta um conjunto articulado de disciplinas específicas que incluem por exemplo, a teoria museológica, documentação de acervos, comunicação museológica, conservação, gestão e plano museológico e disciplinas de formação geral, abrangendo antropologia, história, arqueologia, filosofia, sociologia, história da arte, metodologia científica, entre outras. Somam-se atividades práticas obrigatórias, como estágio supervisionado, trabalho de conclusão de curso, participação em exposições, projetos de pesquisa e extensão. Essa estrutura, coerente e abrangente, demonstra um compromisso com a formação integral, contemplando aspectos técnicos, teóricos, éticos e críticos da Museologia.

[...] 4/8

23 Painel 3 Profissionalização e qualificação em museus

[—]

Desse conjunto emerge um perfil profissional que transcende o museu como único espaço de atuação, prevendo que a pessoa museóloga formada na UNESPAR pode atuar também em centros de documentação, arquivos, projetos de educação patrimonial e museal, centros culturais, instituições públicas, coleções privadas, empresas de consultoria cultural, inventários e mapeamentos de patrimônio, ações comunitárias e processos de museologia social. A oferta de optativas como Museologia Social, Expressões Afro-brasileiras e Indígenas, e LIBRAS aponta diretamente para um compromisso com a democratização do acesso ao patrimônio museológico (Unespar, 2022).

[—] 4/5

[...]

Esse modelo formativo ganha relevo quando conectado ao contexto mais amplo da política museológica paranaense. Após quase uma década de descontinuidades e enfraquecimento institucional, o Estado do Paraná avançou no último ano em um processo de retomada da Política Estadual de Museus, especialmente através da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) e da Coordenação do Sistema Estadual de Museus (COSEM), sob a gestão de Caio Donato. Prova disso, foi a realização do Encontro Estadual de Museus realizado em novembro de 2025 que mobilizou servidores, gestores, museólogos(as), pesquisadores, estudantes e representantes da sociedade civil configurando-se como um espaço de formação continuada, debates técnicos, apresentação de experiências, construção coletiva de diagnósticos e planejamento de ações futuras (Governo do Paraná, 2025). A nona edição, enfatizou discussões sobre fortalecimento institucional, sustentabilidade dos museus, educação museal, políticas de preservação, digitalização, formação e articulação regional, refletindo demandas urgentes dos municípios e instituições.

[...] 5/8

[—]

Esse movimento político-institucional dialoga diretamente com a formação ofertada pela UNESPAR. Se a política estadual busca mapear, fortalecer e integrar os museus do Paraná, a existência de um curso público de Museologia torna-se essencial para sustentar esse processo. A universidade forma quadros técnicos que alimentam as demandas levantadas nos encontros estaduais e reforça a capacidade de atuação qualificada dos museus. Por sua vez, a política museológica fornece orientações e oportunidades que retroalimentam a formação, aproximando estudantes dos problemas concretos da prática museal paranaense. Trata-se de uma relação recíproca e estratégica, que começa a se consolidar: o curso se torna parceiro da política pública, que, por sua vez, reconhece a necessidade de profissionais especializados.

[—] 6/8

[—]

Ainda assim, os desafios permanecem expressivos. A carência de pessoas museólogas, especialmente nos museus e espaços de vocação museológica no interior do estado, é evidente. A ausência prolongada de concursos públicos, o subdimensionamento das equipes, a falta de reconhecimento institucional e a precarização das condições de trabalho dificultam a absorção dos profissionais formados. O problema não reside na falta de formação, mas na insuficiência de políticas estruturantes que assegurem a inserção profissional. A retomada dos encontros e da política estadual é um avanço real, mas ainda insuficiente, sem investimentos contínuos, editais, valorização profissional e expansão das equipes técnicas nos museus municipais e estaduais. A multiplicidade formativa tão importante para a Museologia precisa encontrar correspondência no mercado de trabalho, que ainda se mantém restrito, concentrado e, em muitos casos, desatualizado ante as exigências contemporâneas da área.

[—] 7/8

[...]

Assim, a formação em Museologia no Paraná se encontra em um momento crucial de afirmação. O curso da UNESPAR, ancorado em um PPC consistente e alinhado às demandas sociais, e a retomada da Política Estadual de Museus, baseada na articulação regional e no fortalecimento institucional, formam juntos um cenário promissor para o desenvolvimento da Museologia no estado. A consolidação desse campo dependerá da continuidade dessa sinergia: da Universidade, que forma profissionais capacitados e críticos; do poder público, que precisa garantir políticas estáveis para o setor museológico; e dos museus, que devem reconhecer a importância da formação de equipes técnicas especializadas. O Paraná possui, pela primeira vez, as bases estruturais para avançar de modo consistente: formação pública de qualidade, política museológica reativada e um conjunto crescente de profissionais comprometidos com a salvaguarda e comunicação museológica. O potencial é grande, e o momento é propício para transformar esse conjunto em projeto de futuro■

28 PAINEL 3 Profissionalização e qualificação em museus

Referências:

BRASIL. Lei n.º 7.287, de 08 de dezembro de 1984.

Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17287.htm. Acesso em: 09 dez. 2025.

GOVERNO DO PARANÁ. Encontro Estadual de Museus. Página da Secretaria da Cultura.

Disponível em:

<https://www.cultura.pr.gov.br/Pagina/Encontro-Estadual-de-Museus>. Acesso em: 09 dez. 2025.

UNESPAR. Projeto Pedagógico do Curso de

Bacharelado em Museologia. Curitiba:

UNESPAR/EMBAP, 2021. Disponível em:

<https://embap.curitiba.unespar.edu.br/menu-ensino/graduacao/bacharelado-em-museologia/PFCBachareladoemMuseologiaingressantesapartirda2022.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2025.



Painel 4

**REM-PR Rede de Educadores
em Museus do Paraná**
com comitê gestor da REM



Participantes da mesa

1/2

Amanda Prado

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com especialização em Arqueologia e Patrimônio e em Psicologia da Educação. Licenciada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Foi mediadora cultural e orientadora de equipes educativas, atua como pesquisadora na área de Educação em Museus, Educação Patrimonial e Mediação Cultural. Atualmente coordena ações educativas e de acessibilidade em projetos aprovados em leis de incentivo à cultura pela Singular Cultural. Integra o comitê gestor da REM-PR.

Jackelyne Veneza

Doutora em Educação, linha de Políticas Públicas na UTP/PR. Mestrado em Educação pela UEPG, Graduação em Pedagogia pela UEPG. Atualmente é coordenadora do curso de Bacharelado em Museologia da EMBAP/UNESPAR. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação e no Grupo de Pesquisa Epistemologia e Educação. Professora e pesquisadora nas áreas de Educação em Museus, Formação de Educadores de Museus, Estudos de Públicas e Educação Patrimonial. Membro do comitê gestor da Rede Brasileira de Educação em Museus = representante da Região Sul. Membro da ICOM = comitê CECA-BR. Membro suplente do Conselho Nacional das Redes de Educadores de Museus = RDEs. Participista ad hoc dos Programas de Iniciação Científica e Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação = ICT-UNESPAR.

Participantes da mesa

2/2

Jacqueline Prado

Licenciada em História pela FUCPR e atua desde 2014 com mediação cultural, educação museal e formação de equipes. Coordena o Setor Educativo do Museu Oscar Niemeyer, onde desenvolve projetos e ações voltadas a diferentes públicos. Integra o Núcleo de Acesso e Participação (NAP), colaborando em iniciativas de acessibilidade e na reflexão sobre os públicos do museu. Foi uma das produtoras dos Encontros dos Setores Educativos de Curitiba (2018 e 2019) e é uma das fundadoras da Rede de Educadores em Museus do Paraná (REM-PR).

Tamara Evangelista

Mestre em Cinema e Artes do Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR FAP Campus III (2022). Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Cinema com ênfase em produção Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR FAP Campus III (2019) Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNERJ (2015). Atua como Museóloga responsável pelas Ações Educativas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná - MAE UFPR, onde é chefe do Setor de Museologia, Difusão Cultural e Ações Educativas do MAE UFPR. Atualmente, é conselheira do Estado do Paraná na REM-PR e integra o comitê gestor da REM-PR.

Temas/apresentações

Histórico da REM-PR

Participação da REM-PR na REM-RR

Leitura/aprovação da Carta de Princípios e Regimento Interno Abertura para perguntas

32 PAINEL 4 REm-PR Rede de Educadores em Museus do Paraná

A Rede de Educadores em Museus do Paraná (REm-PR), criada em 2019, reúne educadores(as) e profissionais de diferentes áreas ligados à educação museal no estado. Atua de forma colaborativa e descentralizada promovendo encontros e trocas de experiências entre museus, universidades e outras instituições culturais. Sua missão é fortalecer as práticas educativas nos museus e fomentar o diálogo sobre o papel dos(as) educadores(as) nos museus do Paraná. A REm-PR é um espaço de construção coletiva, comprometido com a valorização da educação museal como instrumento de transformação.

Neste painel a apresentação iniciou contextualizando a criação e trajetória da Rede de Educadores em Museus do Paraná (REm-PR). Foi destacado que, em 2018, algumas instituições culturais e museus de Curitiba se reuniram com o propósito de refletir, discutir e fortalecer as ações educativas desenvolvidas nesses espaços. Dessa articulação surgiu o 1.º Encontro de Setores Educativos de Curitiba, intitulado O Museu além do seu espaço. Este evento marcou o início de um movimento de aproximação entre profissionais da educação museal na cidade.

[...] 1/4

[—]

Em 2019, o grupo realizou o II Encontro das Setores Educativos, com o tema Educação e Utopia em tempos de incerteza. O evento, promovido pelas educativas do Museu Oscar Niemeyer, Museu da Imagem e do Som do Paraná, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Museu de Arte da UFRP, CAXA Cultural Curitiba, SESC Poço da Liberdade e Museu Paranaense, ocorreu no auditório da CAXA Cultural. Após a palestra de Mona Nascimento, consolidou-se a decisão de criar formalmente a REM-PR, ficando a gestão provisória sob responsabilidade das organizadoras do encontro. Nesse momento, os nomes que integraram o grupo inicial foram: Ariane Arambuja e Henrique Davini (CAXA Cultural Curitiba), Jacqueline Prado (MON), Lidiane Nascimento (MusA/UFRP), Lucia Venturim (MMC-PR) e Vânia Machado (MS-PR).

A partir daí, entre 2020 e 2023, a REM-PR esteve presente em diferentes espaços de articulação da educação museal. Em junho e setembro de 2020, representantes da rede participaram das reuniões do Grupo de Trabalho de Eleições da REM-BR. Em 2022, durante uma reunião aberta da REM Brasil, decidiu-se transformar o GT Eleições em uma Comissão Eleitoral, e a REM-PR esteve mobilizada nos debates sobre a eleição de representantes da REM-Sul. Em 2023, houve participação no I Encontro Nacional de Educação Museal (ENEMUS) e na reunião organizada pelo CICA-BR e REM-BR com educadores museais.

[—] 2/4

34 PAINEL 4 REM-PR Rede de Educadores em Museus do Paraná

[—]

Ainda em 2023, a REM-PR se reuniu para organizar sua participação no evento de Educação Museal da UNESPAR e esteve presente no I Encontro de Educadores de Museus do Paraná, fortalecendo a articulação estadual.

A partir de 2024, a rede iniciou um processo de rearticulação. Em 28 de fevereiro, Amanda Prado, Jacqueline Prado, Manoella Neves e Priscila Pacheco se reuniram para retomar os trabalhos da REM-PR. Pouco depois, Jacquelyne Veneza e Tamara Evangelista passaram a integrar o comitê gestor provisório. Ao longo do ano, reuniões mensais foram realizadas, tanto de forma presencial quanto on-line, envolvendo instituições como CAXA Cultural Curitiba e Museu Alfredo Andersen, além de encontros voltados à participação da REM-PR no 8.º Fórum Nacional de Museus e na Revisão da Política Nacional de Educação Museal (PHEM). Também ocorreu uma reunião articulada com a REM-Sul.

Em 2024, houve ainda o processo de eleição dos representantes do Conselho da REM-BR, no qual a REM-PR participou ativamente. Durante o 8.º Fórum Nacional de Museus, representantes da rede (Jacquelyne Veneza e Tamara Evangelista) contribuíram no Conselho do Processo Eleitoral da REM-BR. Ao final do processo, Jacquelyne Veneza foi eleita para o comitê gestor da REM-BR para o período 2025-2027.

[—] 3/4

[...]

A apresentação seguiu com os registros das atividades de 2025, que incluem reuniões articuladas sobre o 8.º Fórum Nacional de Museus, a construção da Carta de Princípios e do Regimento Interno da RDM, além de diálogos institucionais, como o encontro com a presidente do IBRAM, Fernando Castro, em março de 2025.

Por fim, foram apresentadas as estruturas organizacionais do comitê gestor da RDM-IBR, composto por quatro grupos de trabalho: Relações Institucionais, Comunicação, Programação e Administração. Também foram listadas as ações previstas para o comitê gestor, como a realização de pesquisas e análises técnicas, o mapeamento de lideranças, a promoção de parcerias, o monitoramento de políticas públicas e o fortalecimento da articulação em rede.

Após a apresentação, a Carta de Princípios e Regimento Interno da RDM-PR, que foi construída de forma aberta e democrática durante os meses de agosto a outubro de 2025, e durante os encontros da RDM-PR, foi lida e apresentada ao público presente. Recebemos valiosas contribuições, e decidimos por incluir as contribuições e finalizar a aprovação em assembleia futura. A Carta de Princípios e o Regimento Interno podem ser consultados por meio das redes de contatos da RDM-PR■

Painel 5

**Sistema Estadual
de Museus do Paraná:
Histórico e Perspectivas (MON)**



37 Painel 5 Sistema Estadual de Museus do Paraná: Histórico e Perspectivas (MON)

Participantes da mesa

1/2

Clarete Maganhoto

Museóloga, foi diretora do Atelier de Arte do Museu Alfredo Andersen (1980-1983), diretora do MAP (1992), coordenadora do Sistema Estadual de Museus do Paraná (2003-2008), presidente do Conselho Federal de Museologia (1993), e do Conselho Regional de Museologia 5.ª Região (1994 e 2002), do qual segue sendo membro.

Renato Carneiro Junior

Bacharel e licenciado em História pela UFPR (1982), mestre (2000) e doutor em História (2011) pela mesma instituição, pesquisando os sentimentos na política. Tem experiência em História e Museologia, com ênfase em História do Brasil, Igreja Católica, eleições, patrimônio cultural e museus. Atuou na Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (2003-2008), foi diretor do Museu Paranaense (2011-2018) e coordenador do Sistema Estadual de Museus (2015-2018). Concluiu o doutorado em Museologia na Universidade Lusófona, em Lisboa, em 2023. Lançou, em 2025, o livro "Do tradicional ao acessível: a democratização do Museu Paranaense", sobre o tempo em que esteve sob sua direção.

Participantes da mesa

2/2

Renê Wagner Ramos

Coordenador da Rede Estadual de Museus, centros de memória, centros de documentações e outros acervos universitários do Paraná – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SET; Doutorado em História UFR (2000); Mestrado em História UFR (2005); Graduação em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (1993); Coordenador do Sistema Estadual de Museus do Paraná – COSIM/SECC – 2019-2020; Conselheiro Estadual dos Povos Tradicionais do Paraná; Conselheiro do Comitê Estadual de Direitos Humanos e conselheiro do Conselho da Igualdade Racial; Historiador e pesquisador – Museu Paranaense 2015-2018; Coordenador de Estudos e Pesquisas Educacionais da Secretaria de Estado da Educação do Paraná 2011-2015; Tem experiência na área de História e cultura, com ênfase em História do Brasil e povos tradicionais, atuando principalmente nos seguintes temas: história do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto, Fardais, colônia, agroindustrialização e cooperativa.

Aimoré Índio do Brasil Arantes

Graduado em história, especialista em história social e em história do Paraná. Trabalhou na Secretaria de Estado da Cultura desde 1982, assessorando diversos municípios paranaenses orientando sobre a história dos municípios, para a instalação de casas de memória e arquivos históricos e municipais. Possui livros didáticos publicados, atua como curador de exposições, como por exemplo, "O homem e a máquina" do Museu Ferroviário e a "Memorial da Revolução de 1924 em Catanduvas". E atualmente está como Conselheiro do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná.

30 PAINEL 5 Sistema Estadual de Museus do Paraná: Histórico e Perspectivas (MON)

Celebrar os 35 anos da Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná – COSEM significou revisitar uma trajetória marcada pelo compromisso público com a cultura, a memória e o desenvolvimento institucional dos museus paranaenses.

Desde sua criação pela Lei n.º 9.375, de 1990, a coordenação representa um gesto de vanguarda no cenário nacional: em um período em que poucos estados estruturavam políticas específicas para o campo museal, o Paraná instituiu um sistema que reconhecia o museu como organismo vivo, educativo, social e profundamente vinculado às dinâmicas de seus territórios.

Ao longo dessas décadas, a COSEM se firmou como elo entre o Estado e os museus, atuando como uma instância pública de diálogo, qualificação e fortalecimento institucional. Sua história se construiu na circulação pelo território, no apoio a projetos, no estímulo à formação continuada, na mobilização de redes e na articulação de práticas que ampliaram a compreensão do museu – não somente como guardião da memória, mas como agente de transformação, inclusão e pertencimento social. Em diferentes gestões, iniciativas como encontros regionais, visitas técnicas, formações e diagnósticos museológicos contribuíram para consolidar uma cultura de cooperação e compartilhamento, característica marcante do sistema paranaense.

[...] 1/4

[—]

A trajetória da COSEM evidencia que o trabalho sistêmico possibilita enxergar o campo museal como conjunto, respeitando as singularidades de cada instituição e dando voz às diversidades regionais que compõem o patrimônio cultural do Paraná.

Ao olharmos para trás, observamos que o Estado passou a contar com uma rede viva de museus, distribuída pelas oito macrorregiões culturais – da Litoral ao Norte Pioneiro, das Campos Gerais ao Oeste –, sustentada pelo trabalho contínuo de profissionais comprometidos com suas comunidades e territórios. Em cada região, as ações de preservação, educação, documentação e comunicação refletem a vitalidade de iniciativas que, embora muitas vezes silenciosas, são essenciais para o fortalecimento do campo.

Justamente para evitar o isolamento dessas práticas, garantindo circulação de conhecimento, apoio técnico e articulação institucional, que a COSEM atua como mediadora, como ponte e como espaço de construção conjunta.

Este painel também retomou um gesto necessário: o agradecimento. Especialmente porque contou com relatos de profissionais cujas trajetórias se cruzaram com a da Cosem em diferentes momentos, sendo eles: Cláudia de Oliveira Magalhães (COSEM 2003-2007), Renato Augusto Carneiro Junior (COSEM 2015-2018), Renê Wagner Ramos (COSEM 2019, 2020) – além de Almaré Índio do Brasil Arantes, da Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC).

[—] 2/4

[...]

Cada profissional que compôs a COSEM ao longo desses 35 anos ofereceu à coordenação sua experiência, sensibilidade e compromisso público – gestores, educadores, museólogos, conservadores, pesquisadores, administradores e servidores da Cultura que, com seus trabalhos cotidianos, sustentaram a continuidade do sistema. Os caminhos percorridos pela COSEM só foram possíveis porque inúmeros profissionais acreditaram na potência desse sistema e dedicaram suas energias à consolidação do campo museal paranaense.

Assim, registrou-se um agradecimento especial a todos que passaram pela coordenação, deixando aprendizados, metodologias, articulações e memórias que moldaram os rumos da instituição. E, de modo igualmente significativo, à equipe atual – cuja atuação comprometida, sensível e visionária sustenta a continuidade do trabalho e reafirma o papel da COSEM como instância essencial para o desenvolvimento dos museus do Paraná.

Ao final, a celebração dos 35 anos não se encerrou como um ato nostálgico, mas como um convite ao futuro. A trajetória celebrada abriu espaço para novas perguntas, novos desafios e novas possibilidades de avanço. Ficou evidente que o fortalecimento do campo museal exige políticas públicas sólidas, transparentes e democráticas, construídas com participação social, apoio técnico permanente e compromisso ético com o patrimônio cultural.

[...] 3/4

42 PAINEL 5 Sistema Estadual de Museus do Paraná: Histórico e Perspectivas (MON)

[—]

E permaneceu clara, também, que a COSEM seguiria à disposição de cada museu, de cada profissional e de cada iniciativa que acreditasse – assim como acreditaram aqueles que construíram sua história – que os museus são espaços de encontro, criação e futuro. Que os próximos anos possam ampliar ainda mais essa rede, renovar suas práticas e reafirmar o museu como lugar de memória, diálogo e transformação social■

A woman with dark hair, wearing a light-colored blazer over a patterned top, is speaking into a microphone at a podium. Behind her is a large presentation screen displaying a slide with a landscape image and text. The slide text includes 'Avaliação de vulnerabilidade do sistema hídrico 2011' and 'Avaliação de vulnerabilidade do sistema hídrico 2011'. The background of the image is dark with large, overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, blue, and orange.

Palestra

Salvar memórias, cuidar do futuro: museus, desastres e resistência

Doris Couto

Nota preliminar:

Neste ensaio, utiliza-se o termo “inundações” em vez do uso comum de “enchentes”. Essa alternativa adota a terminologia estabelecida na Geografia e visa aprimorar a precisão conceitual na gestão de riscos, integrando o debate museológico às ciências que analisam desastres e dinâmica hidrológica.

4.4 Palestra Salvar memórias, cuidar do futuro: museus, desastres e resistência

Embora as inundações tenham evidenciado a vulnerabilidade dos museus gaúchos, também demonstraram uma habilidade de mobilização pouco vista na recente história da preservação do patrimônio brasileiro. Durante as primeiras semanas da emergência, enquanto as equipes de resgate se dedicavam a salvar vidas e restabelecer serviços essenciais, um movimento paralelo começava a se formar entre os profissionais da cultura. Conservadores, restauradores, museólogos, arquivistas, bibliotecários, historiadores, docentes universitários, alunos e administradores públicos começaram a criar, quase ao mesmo tempo, uma rede voltada para a preservação dos acervos afetados. Ao contrário de operações previamente planejadas ou realizadas unicamente por entidades governamentais, a resposta ao patrimônio cultural surgiu da colaboração entre instituições que, até aquele momento, mantinham relações relativamente autônomas. A urgência em compartilhar informações técnicas, encontrar profissionais qualificados, fornecer equipamentos e responder a perguntas específicas fez com que os limites institucionais se tornassem secundários. Nesse cenário, as tecnologias de comunicação tiveram um papel fundamental.

[...] 

[...]

Grupos de mensagens instantâneas, formulários online e reuniões à distância tornaram-se ferramentas de coordenação operacional. O grupo "SOS Acervos", fundado inicialmente pela Associação de Conservadores e Restauradores do Rio Grande do Sul e pela Universidade Federal de Pelotas, rapidamente atraiu centenas de especialistas de vários estados do Brasil. O ambiente virtual transformou-se em um espaço constante para consultas técnicas, troca de experiências e encaminhamento de demandas urgentes, possibilitando que questionamentos originados em um pequeno museu do interior fossem respondidos, em poucos minutos, por profissionais vinculados a universidades ou importantes instituições culturais de outras partes do país.

Simultaneamente, o Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul organizou um registro estadual de voluntários, que coletou centenas de inscrições de profissionais e estudantes dispostos a trabalhar nas instituições impactadas. Além de criar um banco de colaboradores, esse registro possibilitou a organização de critérios para a distribuição das equipes de acordo com o nível de risco, tipo dos acervos e condições de acesso aos municípios afetados. Em um contexto marcado pela interrupção de rodovias, fechamento do aeroporto internacional e suspensão de vários serviços logísticos, a coordenação se mostrou tão essencial quanto a oferta de voluntários.

[...] 2/18

[—]

É exatamente nesse aspecto que a experiência gaúcha ganha importância historiográfica. Historicamente, a preservação do patrimônio tem sido estruturada em torno da administração diária das coleções, com foco em processos de conservação preventiva, documentação e pesquisa. No entanto, durante as inundações, emergiu uma lógica diferente, fundamentada na gestão de crises. Pela primeira vez, um grande número de profissionais começou a trabalhar de acordo com princípios semelhantes aos utilizados em operações de proteção civil: avaliação rápida de danos, estabelecimento de prioridades, mobilização de recursos, comunicação constante, alocação de equipes em diferentes regiões e atualização contínua das informações disponíveis.

Não se limitava apenas à restauração de objetos danificados. Era preciso estruturar fluxos de informação que permitissem a conexão simultânea de várias instituições. Em poucas horas, tópicos como o congelamento de documentos, transporte de obras de arte, secagem de fotografias e descontaminação de acervos eram discutidas em grupo, convertendo vivências pessoais em saber coletivo. A disseminação rápida dessas informações diminuiu consideravelmente o tempo de resposta das equipes e impediu a repetição de erros cometidos em uma instituição em outras.

[—] 3/10

[...]

Essa dinâmica também teve um impacto significativo na circulação do conhecimento especializado. Em situações normais, as recomendações técnicas geralmente são transmitidas aos museus por meio de cursos, publicações ou consultorias. Durante a emergência, o conhecimento começou a ser compartilhado em tempo real, diretamente entre os profissionais que lidavam com problemas reais. Museus gaúchos recebiam orientações de restauradores do Sudeste por meio de videochamadas; universidades promoviam transmissões abertas sobre biosegurança; documentos internacionais eram traduzidos e redistribuídos poucos dias depois de serem disponibilizados; fabricantes ajustavam sua produção para atender às demandas dos acervos afetados. O conhecimento deixava de percorrer trajetórias institucionais lentas para assumir a velocidade imposta pela emergência. A Força Aérea Brasileira foi acionada para levar papéis e insumos para a secagem do acervo danificado; Ibram e ICOM começaram a trabalhar juntos para oferecer assistência técnica e a Unesco enviou uma missão especial com dois especialistas veteranos.

[...] 4/10

[...]

Isso mostra que, talvez, o maior legado do desastre não tenha sido a recuperação dos acervos preservados, mas a formação de uma comunidade de prática capaz de agir em conjunto diante de situações críticas. Mais do que pessoas agindo de forma independente, formou-se uma tela técnica alicerçada na confiança recíproca, na troca horizontal de saberes e na colaboração entre distintos campos disciplinares. Essa vivência evidencia que a conservação do patrimônio frente às mudanças climáticas não se sustenta tanto na ação isolada de cada museu, mas na formação de redes contínuas de apoio profissional.

Neste sentido, as inundações de 2024 abriram um novo precedente para a Museologia no Brasil. Se, por muitas décadas, a colaboração entre instituições foi entendida, essencialmente, como intercâmbio de mostras, pesquisas e capacitação profissional, a emergência climática introduziu uma nova camada: a cooperação para o enfrentamento de desastres. A partir daí, preservar acervos deixou de ser apenas cuidar da permanência dos objetos no tempo; passou a ser também a construção de competências coletivas para garantir sua proteção em momentos de crise. Uma das principais características, nas primeiras semanas de resposta às enchentes, foi a falta quase total de recursos destinados ao salvamento de acervos.

[...] 5/10

[...]

Enquanto a água alcançou de forma simultânea inúmeras instituições, por outro lado, praticamente nenhuma delas possuía estoques de materiais adequados à magnitude da emergência. Papéis absorventes, calças plásticas, EPIs, ventiladores, suportes de secagem, aspiradores de água e outros insumos básicos logo se mostraram insuficientes frente à quantidade de bens culturais que precisavam ser salvos. O próprio colapso da infraestrutura estadual contribuía para a gravidade da situação: rodovias estavam interrompidas, o Aeroporto Internacional Salgado Filho estava alagado e as Comélias haviam suspenso os serviços, o que impedia o envio urgente de materiais de outras partes do país.

A princípio, esse contexto poderia ser entendido apenas como um conjunto de adaptações forçadas pelas circunstâncias. Contudo, um exame mais atento revela um processo diferente. A urgência não gerou apenas soluções de última hora; gerou inovação. Os dois conceitos, apesar de frequentemente confundidos, possuem uma diferença significativa. Quando a crise acaba, o imprevisto tende a sumir. Inovação, diferentemente, é conhecimento integrado à prática futura. Muitas das soluções implementadas durante as inundações passaram de intervenções excepcionais a padrões para novos protocolos de ação.

[...] 4/10

[—]

Esse processo se tornou visível na maneira como o conhecimento técnico começou a se disseminar. Em situações normais, recomendações de conservação preventiva são frequentemente compartilhadas através de cursos de extensão, manuais técnicos ou consultorias in loco. No entanto, essa abordagem se mostrou inadequada durante a emergência. Era preciso solucionar questões desconhecidas em poucas horas. Em face dessa demanda, produzir e difundir conhecimento passaram a ser atividades que ocorrem ao mesmo tempo. Enquanto equipes trabalhavam em museus, especialistas examinavam imagens enviadas por aplicativos de mensagem, debatiam opções por videoconferência e redigiam orientações que eram rapidamente reencaminhadas a dezenas de instituições.

A tradução, adaptação e ampla disseminação de protocolos internacionais constituem um dos exemplos mais expressivos desse fenômeno. Documentos produzidos por organizações estrangeiras foram rapidamente convertidos para o português e colocados à disposição das equipes de campo, permitindo que orientações consolidadas internacionalmente fossem incorporadas à realidade brasileira em poucos dias. Ao mesmo tempo, profissionais brasileiros produziram materiais específicos para responder às características dos acervos atingidos no Rio Grande do Sul, articulando conhecimentos internacionais às condições locais de infraestrutura, clima e disponibilidade de recursos.

[—] 1/18

Palestra **Salvar memórias, cuidar do futuro: museus, desastres e resistência**

[...]

Outro aspecto revelador foi a transformação da própria noção de capacitação profissional. Em vez de preceder a atuação em campo, a formação passou a ocorrer durante a emergência. Transmissões ao vivo organizadas por universidades reuniram milhares de participantes para discutir biosegurança, técnicas de secagem, manejo de documentos e proteção das equipes. O aprendizado deixou de ocorrer em ambientes formais de ensino para integrar diretamente a operação de salvamento. A emergência converteu-se, ela própria, em espaço de produção e difusão de conhecimento especializado.

Talvez o exemplo mais emblemático dessa inovação tenha sido a reorganização dos cadeios de abastecimento. Empresas privadas passaram a adaptar linhas de produção para atender às necessidades emergenciais dos museus; universidades intermediaram doações de grandes volumes de celulose destinada à secagem de documentos; organismos internacionais financiaram kits de salvamento contendo equipamentos até então inexistentes na maioria das instituições gaúchas; um almoxarifado central foi estruturado para receber, organizar e redistribuir materiais conforme a evolução das demandas. O que inicialmente surgiu como resposta à escassez transformou-se em uma experiência inédita de logística patrimonial em situação de desastre.

[...] 

[—]

Essa capacidade de inovação permite compreender as enchentes sob outra perspectiva. Frequentemente, desastres são interpretados apenas como momentos de destruição. No campo patrimonial, entretanto, eles também podem atuar como catalisadores de transformações institucionais. Assim como incêndios históricos contribuíram para o aperfeiçoamento das normas de segurança em museus e guerras impulsionaram convenções internacionais de proteção ao patrimônio cultural, as enchentes de 2024 aceleraram mudanças que provavelmente levariam décadas para se consolidar em condições ordinárias. Protocolos foram produzidos, redes foram fortalecidas, procedimentos foram testados e uma experiência coletiva inédita passou a integrar o repertório técnico da Museologia brasileira.

Nesse sentido, o principal legado da emergência talvez não resida apenas nos acervos efetivamente preservados, mas na construção de uma nova cultura profissional. O desastre demonstrou que conservar patrimônio cultural não significa apenas retardar processos naturais de deterioração. Em um contexto de mudanças climáticas, conservar passa também a significar desenvolver capacidade permanente de resposta, construir redes colaborativas e produzir conhecimento capaz de ser imediatamente mobilizado diante de novas crises.

[—] 9/10

53 Palestra Salvar memórias, cuidar do futuro: museus, desastres e resistência

[—]

Essa mudança destaca profundamente o papel tradicional dos museus. Durante grande parte do século XX, essas instituições concentraram seus esforços na preservação cotidiana das coleções, fundamentada na estabilidade ambiental, na conservação preventiva e no controle das condições internas de guarda. A recorrência dos eventos extremos, entretanto, introduz uma nova variável nesse modelo. Preservar passa a exigir não apenas estabilidade, mas também preparação para a instabilidade. A emergência dela de ser concebida como exceção e passa a integrar o horizonte permanente da gestão museológica.

[—] 18/18

5.4 Palestra Salvar memórias, cuidar do futuro: museus, desastres e resistência

Dos planos de emergência ao desafio cultura da prevenção

As enchentes de 2024 evidenciaram uma realidade conhecida pelos profissionais da Museologia, mas frequentemente negligenciada nas políticas públicas de patrimônio: a gestão de riscos permanecia como um componente periférico da administração da maior parte das instituições museológicas brasileiras. Embora planos de emergência, protocolos de evacuação e estratégias de prevenção figurem há décadas entre as recomendações de organismos internacionais dedicados à preservação do patrimônio cultural, sua implementação encontrava inúmeras obstáculos, desde limitações orçamentárias até a reduzida disponibilidade de equipes técnicas permanentes. A ocorrência de eventos extremos no Rio Grande do Sul transformou essa fragilidade estrutural em um problema concreto, demonstrando que a ausência de planejamento pode ampliar significativamente os danos produzidos por um desastre.

Ao mesmo tempo, a experiência revelou que a gestão de riscos não pode ser compreendida apenas como um conjunto de documentos arquivados nas instituições. Um plano de emergência, por si só, não remove acervos, não organiza equipes nem estabelece canais de comunicação durante uma crise. Sua eficácia depende da existência de profissionais capacitados, da definição prévia de responsabilidades, da realização de exercícios simulados e, sobretudo, da construção de vínculos permanentes entre instituições que possam atuar de maneira coordenada quando os eventos extremos ocorrerem.

[...] 11/18

[...]

As enchentes demonstraram que a preservação patrimonial necessita ultrapassar os limites físicos de cada museu. Nenhuma instituição, isoladamente, possui recursos humanos, materiais e financeiros suficientes para responder a um desastre de grandes proporções. A proteção do patrimônio cultural passa, portanto, a depender da constituição de redes estáveis de cooperação capazes de compartilhar conhecimentos, equipamentos, infraestrutura e equipes técnicas. A emergência revelou que a unidade de resposta deixa de ser o museu individual para tornar-se o sistema formado por museus, universidades, órgãos públicos, associações profissionais e organismos nacionais e internacionais.

Esse deslocamento representa uma mudança conceitual importante. Durante muito tempo, a conservação preventiva concentrou seus esforços no controle das condições ambientais internas das instituições – temperatura, umidade relativa, iluminação, poluentes e agentes biológicos. As mudanças climáticas ampliam esse horizonte. O ambiente externo, antes percebido como relativamente estável, passa a constituir um dos principais fatores de risco para a preservação das coleções. O museu deixa de administrar apenas o microclima de suas reservas técnicas e passa a considerar eventos hidrológicos extremos, ondas de calor, incêndios florestais, vendavais e outros fenômenos cuja frequência e intensidade tendem a aumentar nas próximas décadas.

[...] 12/10

[—]

Essa transformação aproxima progressivamente a Museologia de campos tradicionalmente vinculadas à Defesa Civil, ao planejamento territorial e à adaptação climática. Questões como monitoramento meteorológico, definição de rotas de evacuação, elaboração de mapas de risco, aquisição de equipamentos de emergência e capacitação continuada das equipes deixam de constituir atividades excepcionais para integrar a rotina administrativa das instituições. Em outras palavras, preservar patrimônio cultural passa a significar também preparar-se para responder a cenários de crise.

Essa mudança encontra respaldo nas transformações observadas internacionalmente ao longo dos últimos anos. A incorporação das mudanças climáticas às agendas do Conselho Internacional de Museus (ICOM), da UNESCO e de diferentes organismos dedicadas à proteção do patrimônio demonstra que os eventos extremos deixaram de ser tratados como ocorrências ocasionais. Tornaram-se um dos principais desafios para a gestão contemporânea das coleções. A experiência gaúcha insere-se nesse movimento global, oferecendo, contudo, uma contribuição singular: em vez de limitar-se à elaboração de diretrizes, produziu uma experiência concreta de mobilização em larga escala, testada nas condições mais adversas.

[—] 12/10

[...]

Talvez essa seja uma das principais lições deixadas pelas enchentes. A preparação para desastres não deve ser compreendida como uma atividade paralela às funções tradicionais dos museus, mas como parte integrante de sua própria missão institucional. Museus existem para garantir que a sociedade possa manter vínculos materiais com sua história. Em um contexto marcado pela intensificação das mudanças climáticas, preservar esses vínculos exige incorporar a cultura da prevenção como princípio permanente de gestão.

Mais do que responder a uma tragédia específica, as ações desenvolvidas no Rio Grande do Sul indicam uma mudança de paradigma. Se, durante décadas, a preservação patrimonial esteve orientada principalmente para retardar os processos naturais de deterioração dos acervos, o cenário contemporâneo exige acrescentar uma nova dimensão a esse trabalho: desenvolver capacidade institucional para enfrentar eventos extremos cuja recorrência já não pode ser considerada excepcional. A cultura da prevenção deixa, assim, de constituir uma recomendação técnica para tornar-se condição indispensável à sobrevivência do patrimônio cultural.

[...] 14/10

Salvar memórias é cuidar do futuro

As enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul entre 2023 e 2024 produziram perdas irreparáveis para inúmeras comunidades. No campo do patrimônio cultural, contudo, seus efeitos ultrapassam os danos materiais contabilizados em museus, arquivos e bibliotecas. O episódio marcou um ponto de inflexão na forma como a preservação patrimonial passa a ser compreendida no Brasil. Mais do que revelar vulnerabilidades estruturais, a tragédia desencadeou a formação de redes de cooperação, impulsionou a produção de protocolos técnicos, fortaleceu a articulação entre instituições e consolidou a gestão de riscos como dimensão insuperável da prática museológica.

Ao longo deste ensaio, procurou-se demonstrar que a principal herança desse processo não reside apenas nos acervos recuperados, mas na constituição de uma infraestrutura social da preservação. A resposta construída durante a emergência evidenciou que, diante de eventos extremos, nenhuma instituição é capaz de atuar isoladamente. A salvaguarda do patrimônio depende da circulação de conhecimento, da cooperação entre profissionais, da integração entre diferentes níveis de governo e da capacidade de mobilização da própria sociedade. Se o desastre revelou a fragilidade dos museus frente às mudanças climáticas, revelou igualmente a potência das redes colaborativas constituídas em torno da preservação da memória.

[...]

Essa experiência também convida a uma reflexão mais ampla sobre o próprio sentido do patrimônio cultural. Françoise Choay (2001) observa que o patrimônio não se limita ao conjunto de bens herdados do passado; ele constitui uma construção social voltada à transmissão de referências culturais entre gerações. Seu valor não reside apenas na antiguidade ou na excepcionalidade dos objetos preservados, mas na capacidade de manter viva uma relação de continuidade entre passado, presente e futuro. Sob essa perspectiva, preservar patrimônio significa garantir que determinadas experiências humanas permaneçam acessíveis àqueles que ainda virão.

As enchentes tornaram essa dimensão particularmente evidente. Quando museólogos, conservadores-restauradores, arquivistas, bibliotecários, estudantes e voluntários dedicaram semanas ao resgate de documentos, fotografias, obras de arte e objetos históricos, não estavam apenas tentando evitar perdas materiais. Atuavam para preservar narrativas, identidades e possibilidades futuras de conhecimento. Cada documento seco, cada pintura estabilizada e cada coleção recuperada representavam, em última instância, a preservação da capacidade de uma sociedade continuar interpretando sua própria história.

[...] 18/18

[...]

Nesse sentido, o caso do Rio Grande do Sul ultrapassa os limites de uma experiência regional. A intensificação dos eventos climáticos extremos indica que situações semelhantes tenderão a tornar-se cada vez mais frequentes em diferentes partes do mundo. A emergência climática desloca a gestão de riscos da condição de tema especializado para transformá-la em elemento estruturante das políticas de patrimônio. Planos de emergência, capacitação permanente, monitoramento de riscos e redes de cooperação deixam de constituir recomendações complementares para integrar a própria missão institucional dos museus.

Entre os desdobramentos institucionais mais relevantes desse processo destaca-se a incorporação da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul ao Gabinete Integrado de Gerenciamento de Desastres. A presença permanente da área da cultura nesse espaço representa uma mudança significativa na forma como o patrimônio cultural passa a ser compreendido no contexto da gestão pública de riscos. Pela primeira vez, os museus e demais instituições de memória passam a integrar os fluxos oficiais de monitoramento e resposta coordenados pela Defesa Civil, possibilitando o recebimento de alertas antecipados e a adoção de medidas preventivas antes da ocorrência das inundações.

[...] 17/10

[...]

Trata-se de uma mudança que ultrapassa o episódio de 2024. Ao inserir o patrimônio cultural na estrutura permanente de gerenciamento de desastres do Estado, reconhece-se que a proteção da memória coletiva constitui igualmente uma dimensão da proteção da sociedade. Essa aproximação entre Cultura e Defesa Civil representa um dos legados institucionais mais importantes produzidos pela experiência gaúcha e sinaliza um caminho que poderá servir de referência para outras unidades da federação.

As inundações de 2023 e 2024 demonstraram que o patrimônio cultural também integra a infraestrutura essencial de uma sociedade. Se hospitais preservam vidas e a Defesa Civil protege comunidades, museus, arquivos e bibliotecas preservam aquilo que permite às sociedades reconhecerem quem são. Incorporar o patrimônio cultural às políticas de gestão de riscos significa reconhecer que proteger a memória também é uma forma de proteger a população. O futuro dos museus dependerá, cada vez mais, da capacidade de construir essa convergência entre cultura, ciência e proteção civil.

Salvar memórias, portanto, é mais do que conservar objetos. É um compromisso ético com as gerações futuras. Significa reconhecer que o patrimônio cultural somente cumpre sua função social quando permanece capaz de atravessar as crises de seu tempo e continuar oferecendo referências para aqueles que virão depois de nós ■



Mesa

Rede SIMUS

Sistemas Estaduais
de Museus

Relatório

Valquíria da Silva Costa

Especialista de museologia na Cosem

A reunião da Rede SIMUS reuniu gestores públicos, pesquisadores e representantes de diferentes estados, e debateu os rumos do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) e os desafios para a consolidação de políticas estruturais no campo museal brasileiro.

O debate teve início no contexto do Sistema Nacional de Cultura e envolveu um conjunto de políticas atualmente em desenvolvimento, como a Política Nacional de Economia de Museus e Pontos de Memória, a Política Nacional de Educação Museal, o Programa Nacional de Acessibilidade e propostas de políticas de caráter LGBT e antirracista. Segundo os representantes, essas iniciativas formam um esforço integrado para fortalecer o campo museal em escala nacional, processo que depende da articulação entre estados, municípios, instituições públicas, redes e movimentos sociais. A representante do Rio de Janeiro ressaltou a importância da interação entre sistemas, redes de museologia social e políticas públicas, observando que a atual gestão federal tem conseguido promover avanços significativos.

No decorrer da reunião, discutiu-se a necessidade de fortalecer diferentes formas de organização do campo museal, reconhecendo que redes, movimentos e sistemas desempenham papéis complementares na ampliação da representatividade e no enraizamento territorial das políticas. Foi enfatizado que o setor precisa dialogar com outras políticas culturais, como a Política Nacional Aldir Blanc, e que a simples digitalização de serviços não é suficiente para garantir avanço real das políticas de museus.

[...] 1/3

[...]

Durante o encontro, o grupo de trabalho responsável por revisar documentos sobre sistemas de museus apresentou um levantamento conduzido por Luit, que compilou informações sobre experiências estaduais e identificou o que já está consolidado, o que falta ser estruturado e quais elementos estão formalmente previstos nos documentos existentes. Estados como Amazonas e Amapá foram citados como exemplos de locais com condições favoráveis para avançar na implementação de seus sistemas estaduais, e foi informado que o Amazonas apresentará sua experiência no próximo Fórum Nacional de Museus. O grupo também mencionou a possibilidade de elaborar manuais orientativos, mapear ferramentas, identificar espaços de formação e retomar listas de prioridades discutidas anteriormente, reforçando que a criação de sistemas não encerra o processo, mas inaugura uma série de desdobramentos institucionais.

Os participantes debateram ainda os limites e responsabilidades de cada ente federativo na implementação dos sistemas. Representantes alertaram que modelos de adesão que ocorram apenas por obrigação normativa tendem a perder legitimidade e que é preciso garantir mecanismos que permitam continuidade das políticas mesmo diante de mudanças de gestão. Também foram destacadas lacunas do decreto vigente, que prevê apenas sistemas estaduais e municipais, sem contemplar modalidades como sistemas regionais ou plurimunicipais.

[...] 2/3

[...]

A reunião também tratou da necessidade de evitar caminhos excessivamente simplificados para criação de sistemas, o que poderia comprometer sua permanência no longo prazo. Discutiu-se a ideia de mecanismos de rede como processos mais ágeis e flexíveis, capazes de fortalecer o campo enquanto se avança para estruturas mais consolidadas. Ressaltou-se, porém, que esses mecanismos devem evitar incoerências, sobretudo no que diz respeito à adesão de iniciativas como pontos de memória e organizações que não são museus, mas atuam no campo cultural. Os presentes reconheceram que muitas dessas questões ainda não foram debatidas de forma ampla e que é necessário revisar instrumentos normativos para evitar lacunas e garantir coerência institucional.

No encerramento, uma das observações que sintetizou o espírito do encontro destacou que o setor está passando por uma mudança de enfoque: "Agora estamos fazendo o caminho inverso: primeiro o sistema e depois a rede". A frase foi recebida como uma síntese do momento vivido pelo campo museal, que busca reorganizar suas bases legais e operacionais para fortalecer a governança, ampliar a articulação entre atores e garantir continuidade às políticas públicas de museus em todo o país■



Relatório

Kauanna Mahara Nhala Antoniacomi

Estagiária de museologia na Cozem

Em novembro de 2023, estive no IV ENCOREM SR, que aconteceu em Curitiba, parte da programação paralela ao 9.º Encontro Estadual de Museus do Paraná. Ajudei na organização e também participei da roda de conversa – sendo, talvez, essa dupla posição que mais me marcou, porque me fez enxergar de perto tanto o esforço para reunir a categoria quanto às questões que nos inquietam enquanto profissionais da área da Museologia.

O ENCOREM não acontecia desde 2019: o encontro de museólogos e estudantes depois de tanto tempo, num formato de conversa e não de palestra, teve algo de reencontro mesmo – de gente que compartilha as mesmas dúvidas e afetos pela profissão. E foi ouvindo essas trocas que percebi como muitos dos nossos desafios são coletivos, ainda que esqueçamos disso no dia a dia.

Um dos temas que mais apareceu foi a insegurança em relação às próprias instituições. Manter um museu vivo hoje exige lidar com recursos escassos, com a necessidade constante de justificar sua importância e de se reinventar sem perder valores. Museus são espaços que preservam a memória, mas que precisam, eles lutar não serem esquecidos. Junto a isso a desvalorização dos profissionais da área foi um tema que atravessou boa parte das falas. Ouvir colegas relatarem o quanto o trabalho do museólogo ainda é pouco reconhecido – em condições, em salário, em espaço de atuação – me deu uma noção mais concreta do que está em jogo quando falamos em fortalecer a Museologia.

[...] 1/3

[...]

Essa desvalorização parece pesar ainda mais sobre quem está começando. Como estudante da área, me reconheci em muitas falas: o mercado de trabalho ainda estreito, a dúvida sobre onde e como atuar; a sensação de que a formação nem sempre encontra espaço proporcional lá fora. Falar sobre isso abertamente, entre pessoas que vivem o mesmo, foi mais mobilizador do que eu esperava, pois mostrou que é algo que a categoria precisa enfrentar em conjunto.

Sai do ENCOREM com o vislumbre de que fortalecer o campo da Museologia é, antes de tudo, um trabalho de estar junto: dividir experiências, reconhecer dificuldades comuns e construir caminhos coletivos. Foi, no fim, um lembrete de que, assim como os museus preservam a memória e lutam para não serem esquecidos, cabe também a nós, enquanto categoria, velar uns pelos outros para que a Museologia não se perca.■



Oficina
**"Mediação como
experiência"**

Museu Oscar Niemeyer

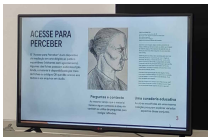
Relatório

Liliane Pinheiro da Luz Schlindwein
Assessora na Coesm

O ponto de partida deste encontro foi uma profunda reflexão sobre a palavra **mediação**, conduzida por Leopoldo. Ele nos apresentou as diferentes concepções e as inúmeras aplicações desse ato.

Logo após, os participantes da oficina trouxeram suas próprias experiências, o que imediatamente levantou um debate: como podemos inovar e aprimorar as formas de mediar visitas nos variados espaços onde os museus estão instalados?

Para nos guiar, o condutor apresentou uma abordagem fascinante: a técnica **“Acesso para Perceber”**. É uma forma instigante de provocar o visitante a ter um contato mais ativo e profundo com a obra de arte.



[—]

O ápice da oficina foi a atividade prática na exposição “Tela à toa”. Leopoldo nos sugeriu que, ao observar as peças, cada um escrevesse uma única palavra que representasse a primeira impressão da obra.

Em seguida, sorteamos as palavras entre o grupo. O desafio era criar uma produção textual a partir do termo sorteado. A palavra que recebi foi **REUNIÃO**. Inúmeras imagens vieram à mente, de encontros com amigos a laços familiares. Decidi dar vazão à imaginação e me aventurei em alguns versos:

- **B**eiver amigos e familiares distantes,
- **E**ncontrando motivos para a reunião ser constante,
- **U**nindo gostos e
- **N**adas em um desejo único de simplesmente
- **I**niciar constantemente um movimento de
- **A**legrias, em que o
- **O**bjetivo é apenas aproveitar os momentos que a vida nos proporciona.

[—] 2/3

[–]

O momento de compartilhar os textos foi singular e enriquecedor. Confesso que foi uma experiência muito positiva no sentido de revisitar e questionar conceitos pré-estabelecidos sobre o ato de mediar. Ficou claro que as diversas possibilidades de condução de uma visita propõem **novas olhares, aguçam percepções e, de fato, transformam o estático em movimento**■



Compartilhando os textos produzidos



Oficina

“Guardar uma coisa é olhá-la”: visita à reserva técnica

Museu Paraense

Relatório

Giovana Maria de Melo Teixeira

Estagiária de Museologia na Casem

A oficina “Guardar uma coisa é olhá-la” foi realizada pelo Núcleo Educativo e pelo Núcleo de História do Museu Paraense (MUPA), com foco no acervo e em suas múltiplas camadas de significado. A atividade iniciou-se com uma conversa introdutória na biblioteca do museu, onde os participantes puderam conhecer o contexto histórico do MUPA. Esse momento foi acompanhado pela apresentação de alguns objetos do acervo, permitindo que o público manuseasse peças relacionadas à história institucional.



Foto: Izabel Pereira/BRAC

Chamou atenção o fato de que muitos desses objetos, à primeira vista simples ou cotidianos, não pareciam “dignos” de estar em um museu segundo o senso comum. Essa percepção inicial foi propositalmente mobilizada pela equipe, dialogando com a própria concepção do MUPA de que os objetos guardam memórias, carregam segredos e preservam aspectos íntimos da vida social. Assim, os significados atribuídos às coisas não são fixos, mas construídos na relação entre pessoas, histórias e materialidades.

[...]

Após a discussão, os participantes foram conduzidos à reserva técnica. Antes da entrada, foram reforçadas as orientações de preservação: não tocar nos objetos e não fotografar, garantindo o respeito aos protocolos de conservação. A visita permitiu observar a forma como o acervo é organizado, acondicionado e protegido, oferecendo uma compreensão concreta das dinâmicas de bastidores do museu.

Um momento marcante ocorreu diante de caixas que guardam brinquedos antigos. Alguns participantes reconheceram, com entusiasmo, brinquedos idênticos aos que tiveram na infância. Entre comentários nostálgicos e risadas, uma delas brincou que, se soubesse que seu brinquedo teria importância museológica, teria guardado o seu. Esse episódio deu vida às perguntas norteadoras da oficina que o próprio MUPA trouxe a que é importante para o museu também é importante para você? Quais critérios definem o que merece ser preservado? E as miudezas, as coisas inventadas, engavetadas e aparentemente desimportantes, não mereceriam atenção, como provoca Manoel de Barros?

Para completar a experiência, a atividade incluiu ainda uma visita mediada a uma das exposições do museu, permitindo que os participantes vissem como os objetos, alguns observados na reserva, ganham novos sentidos quando expostos ao público. A conexão entre bastidores, acervo e narrativa expositiva reforçou a ideia central da oficina: guardar uma coisa é mais do que protegê-la, é olhá-la, interpretá-la e reconhecer o valor que ela carrega para diferentes histórias e memórias ■



Oficina

"Como nasce um museu?"

Ferramentas e processos
de criação do Programa de
Extensão Comunitária do
Centre Pompidou Paraná"

Biblioteca Pública do Paraná

Relatório

Adriana Alves da Silva

Estatística de museologia na Cosem

A oficina se desenvolveu a partir da apresentação de slides de todo o processo de idas até Foz do Iguaçu e escuta das pessoas que serão diretamente impactadas com a implantação do Museu Internacional de Arte – Centre Pompidou Paraná.

A oficina foi ministrada pela Priscila de Moraes responsável pela Coordenação de Desenvolvimento de Público do Centre Pompidou Paraná.

A apresentação discorreu a respeito de como esse processo de escuta se deu e ainda está em processo de desenvolvimento, as ações executadas com a sociedade e com o poder público para que a cidade entenda e receba um museu dessas proporções.

O público participante se mostrou muito interessado nos apontamentos principalmente pela presença das ARCs – Agentes Regionais de Cultura da SEEC sobre a cultura no interior do estado, sendo o Centre Pompidou Paraná um equipamento cultural que sai da capital e adentra no interior em uma tríplice fronteira e as consequências para a região.■



Oficina

"O Museu como território de diálogo: o caso 'Desse Lado do Muro' do MIS-PR"

Museu da Imagem e do Som do Paraná

Relatório

Guilherme Abrahão N. Costa

Estagiário de Design na Cosem

Esta oficina contemplou a visita guiada da exposição “Desse lado do Muro”, a apresentação do seu processo de desenvolvimento e um momento de diálogo entre os participantes, todos membros da comunidade museal. Estavam presentes profissionais vindas de outros municípios e de museus externos ao sistema estadual. A diretora do MIS-PR, Mineia Camargo, descreveu a motivação e os desafios para a montagem de uma exposição que se mantivesse distante de um olhar maniqueísta sobre a população carcerária e suas experiências.

Durante toda a oficina, o que se tentou pôr em destaque foi o cuidado e o olhar para com os espaços físicos – para a resignificação destes, para o reconhecimento e o registro de sua história. Sobre os resquícios do passado destes espaços, preservados a despeito de adaptações ao longo do tempo. A história deste ex-centro de triagem da polícia até a sua desativação, é longa e evidencia inúmeros desafios sociais, produzindo o retrato de uma violência que se faz evidente em cada fotografia e, ainda mais, em cada parte do edifício.

[...] 

[...]

Do ponto de vista arquitetônico, foi impressionante conhecer a totalidade desta história, tanto do complexo, que se torna espaço expositivo, como do museu em si. Tendo constituído a primeira sede oficial do governo do Estado do Paraná e servido de residência ao governador, o edifício do MIS-PR abrigou ainda a Secretaria de Obras Públicas, a Secretaria do Interior e Justiça, e a Coordenação do Sistema Penitenciário (Casipe) até chegar aos dias de hoje. A transformação do anexo de um prédio da Polícia Civil do Paraná em parte do conjunto do museu é notável, relacionando-se com o papel histórico que o edifício principal do MIS-PR teve na trajetória do estado e na construção do seu poder público e penal. De certa forma, esses espaços conversam justamente por seu contraste enquanto representantes de diferentes formas do poder Estatal, um diálogo que se destaca tanto na exposição quanto na trajetória percorrida durante o evento.

A oficina foi uma valiosa experiência do ponto de vista museológico, contando com a partilha de informações sobre o processo de curadoria e implantação desta exposição. Demonstrou-se que os espaços podem ter suas memórias preservadas e ainda assim sofrer mudanças substanciais, bem como preocupação pelo respeito às vidas e histórias dos indivíduos que passaram de alguma forma pela instituição prisional. A exposição é, por si mesma, uma possível resposta a uma pergunta importante sobre como lidar com um acervo que existe dentro (e por causa) de espaços marcados pela violência, criminalidade e repressão.

[...] 1/1

81 Oficina O museu como território de diálogo

[—]





Oficina

“Conhecendo o Centro de Pesquisa e Documentação do MAC-PR”

Museu de Arte Contemporânea
do Paraná

Relatório

Gabriella de Marafigo Kriech
Estagiária de Museologia na Casem

83 Oficina “Conhecendo o Centro de Pesquisa e Documentação do MAC-PR”

A experiência imersiva no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC/PR) foi concebida por Cristiane Buono de Carvalho Goldino, Coordenadora e Historiadora do setor de Pesquisa. A iniciativa contou com o apoio dos estagiários Marcos Dias de Araújo, Mateus Francisco Kramer Sens e Yasmin Munhoz Tobias de Moraes, e teve a contribuição do pesquisador convidado Delano Brun, no qual investiga em sua dissertação de mestrado em História da Arte, o museu e a trajetória das Salões Paranaenses.

A proposta foi dividida em etapas, permitindo a estruturação de uma ação expositiva abrangente. O encontro iniciou-se com a apresentação detalhada do Centro de Pesquisa e Documentação, destacando a diversidade de documentos e seus distintos suportes ali presentes. De forma introdutória, os participantes foram apresentados também aos procedimentos técnicos adotados pela instituição para a catalogação e salvaguarda do acervo, com ênfase na utilização dos bancos de dados.

A oficina contou com a presença de cinco participantes que foram mediados pelo espaço e tiveram a oportunidade de conhecer, de forma aplicada, os processos de montagem de pastas de acondicionamento e as técnicas de higienização preventiva. Complementarmente, a explanação do pesquisador convidado Delano Brun ampliou a percepção sobre as inúmeras possibilidades de trabalho e investigação no setor, consolidando-o como um campo fértil para novas iniciativas de pesquisa com indagações sobre a produção artística no Paraná.

84 Oficina “Conhecendo o Centro de Pesquisa e Documentação do MAC-PR”

[–]

A proposta teve como encerramento uma análise construída a partir da obra de Eliana Brasil, artista com registros de performance em destaque no acervo do 57.º Salão Paranaense. Este momento culminou em uma profunda indagação sobre a representação e a presença de mulheres negras nos espaços museais, bem como a atuação da população afrodescendente na arte contemporânea. A partir dessa premissa, em conjunto com os participantes, foi delineada uma narrativa crítica sobre o acervo e suas potencialidades enquanto um espaço em constante movimento e transformação.

Nesse contexto, a participação do MAC/PR por meio do Setor de Pesquisa e Documentação na programação do Encontro Estadual de Museus, permitiu o aprofundamento nos trabalhos desenvolvidos pelos profissionais da instituição. Demonstrando não apenas o cuidado técnico de preservação e conservação das informações contidas no acervo, mas também reafirmaram a importância institucional e estratégica das atividades para o campo museológico no estado do Paraná■



Oficina

"Como estruturamos uma vivência artística para o público infanto-juvenil no CJAP"

Centro Juvenil de Artes Plásticas

Relatório

Wanessa Cardoso Wlasek Holnacki

Assessora na Casem

A oficina ministrada pela educadora Adriana Carla Dalazen Cichocki e por Liane Maria Barreto de Azevedo, do Setor Educativo do Centro Juvenil de Artes Plásticas, sobre o Tema "Como estruturamos uma vivência artística para o público infanto-juvenil no CJAP", destacou que estruturar uma vivência artística para crianças e adolescentes envolve muito mais do que conduzir uma atividade. É construir um ambiente sensível, acolhedor e provocador, no qual o aluno possa experimentar formas de ver, pensar e criar. Para isso, o CJAP se apoia em princípios pedagógicos, históricos e culturais que orientam cada etapa do processo. A vivência artística é planejada para ser experiência, e não somente execução técnica. Ela considera a criança e o adolescente como sujeitos ativos, imaginativos e possuidores de repertório próprio, repertório que pode e deve emergir durante a prática.

A estruturação de qualquer vivência começa com o encontro com o grupo, a escuta sensível dos interesses das crianças e adolescentes, a observação do comportamento, das curiosidades e das modos de se relacionar com o espaço e com os outros e a criação de um clima de confiança para que todos se sintam autorizados a experimentar e errar. Esse primeiro contato é essencial, pois define o tom da vivência: um espaço seguro, no qual a expressão individual não é julgada, mas incentivada.

[...] 1/3

[...]

O CJAP é o único equipamento público do Paraná e um dos poucos no Brasil voltado exclusivamente para ensino de arte para crianças e adolescentes. Desde sua fundação, tem ajudado a formar gerações de jovens artistas e futuros professores de arte, muitos dos quais seguiram carreira artística profissional – e hoje compõem parte da cena cultural e plástica do Paraná e do Brasil. Além disso, o centro promove exposições, concursos, vivências escolares e parcerias com instituições culturais, o que ajuda a difundir a arte e a cultura paranaense, ampliando o repertório artístico e cultural de crianças, jovens e também escolas. O CJAP foi um marco pioneiro na arte-educação infantil e juvenil no Paraná, numa época em que não existiam muitos espaços públicos dedicados à arte para crianças. Isso ajudou a consolidar a importância da arte no currículo educativo e na formação cultural do estado. A instituição também contribuiu historicamente para a formação de professores qualificados em artes, expandindo o alcance da arte nas escolas e fortalecendo a educação artística no Paraná como um todo.

Imagine um lugar onde uma criança, às vezes sem ter nenhum contato prévio com pintura ou desenho, possa entrar, experimentar materiais, aprender técnicas, e mais que isso ter o espaço para imaginar, criar e expressar. Um lugar onde a arte é parte da educação, da formação de identidade, da liberdade estética. Esse lugar existe, foi idealizado a partir da convicção de que arte e educação caminham juntas, e esse lugar é o CJAP.

[...] 2/3



Oficina

Como estruturamos uma vivência artística para o público infanto-juvenil

[...]

Para muitas pessoas, o CJAP é o primeiro contato real com o mundo da arte – às vezes é só curiosidade, aos 9 ou 10 anos; em outras casos, se torna paixão, talento, profissão. Para outras, é espaço de pertencimento, socialização e autoconhecimento. Para a sociedade, é semeador de cultura, sensibilização, diversidade de olhares e valorização da produção local.

É uma ponte entre gerações: o que se aprende e produz ali em forma de desenho, pintura, teatro, audiovisual, reverbera para a comunidade, para escolas, para o estado. O CJAP contribui para construir um Paraná onde a arte não é privilégio, mas direito. ■



Oficina

"Por dentro do setor educativo do MAA"

Museu Alfredo Andersen

Relatório

Ellen Cunha do Nascimento

Assessora na Casem

Em uma manhã ensolarada de uma quarta-feira, em 19 de novembro de 2023, aconteceu a oficina “Por dentro do setor educativo do Museu Alfredo Andersen (MAA)”, durante o 31.º Encontro Estadual de Museus do Paraná.

Os participantes da oficina foram recepcionados pelas colaboradoras do Setor Educativo do MAA, Sílvia Anete Antunes e Adriana Kolincski. Primeiramente foi proposto que os participantes se apresentassem. Cada um foi dizendo o seu nome, sua vinculação e gradativamente os participantes foram se conhecendo e dialogando sobre seus contextos institucionais e locais, afinal tinham participantes de diversas regiões do Estado.

Na sequência, as colaboradoras do MAA apresentaram o museu contando sobre o histórico institucional, sobre a vida e obra de Andersen. Também participou dessa contextualização e integração institucional, o diretor do museu, Luiz Gustavo Vardânega Vidal Pinto que comentou brevemente sobre a sua experiência desde 2019 a frente das duas instituições, Museu Alfredo Andersen (MAA) e do Centro Juvenil de Artes Plásticas do Paraná (CJAP).

[—]

Na sequência os participantes foram convidados a conhecer os demais espaços do museu. Nós nos dirigimos ao piso superior onde o artista e professor, Luis Lavalle Filho apresentou o ateliê onde estavam alguns alunos. Ele nos explicou como era a dinâmica e os processos que aconteciam no ateliê de pintura e compartilhou que o intuito era inspirar que os alunos explorassem as diversas técnicas a partir de pintura de observação e/ou criação tendo como referência diferentes artistas. Também era proposta a realização do estudo de cor para a realização da composição pictórica. Portanto, ao longo da oficina era sugerido e proposto que o aluno desenvolvesse sua política.

Em seguida fomos conhecer o ateliê de cerâmica, local em que fomos recepcionadas pela professora Janine de Fátima Maderna Leite Schönfelder



Fonte: Autoria própria (2021)

[—] 2/4

[—]

A professora comentou que ao longo do ano no ateliê tinha como principal objetivo apresentar e posteriormente proporcionar que os alunos explorassem as diversas técnicas e possibilidades na produção da cerâmica artística e simultaneamente o desenvolvimento de uma linguagem e produção através de um olhar político.

Posteriormente fomos para o espaço onde ficam os artistas residentes, projeto existente no museu desde 2019. Naquele momento estava como artista residente Laura Ridolfi. Ela mostrou algumas obras que estava produzindo e compartilhou brevemente sua experiência artística e como estava sendo o processo como residente.

Em seguida fomos aos espaços expositivos do museu, onde a Silvia nos mediou compartilhando informações sobre o Andersen e sua produção artística, e também comentou alguns detalhes sobre o processo de restauração do prédio.

Após a visita mediada pela exposição de longa duração, retornamos à sala onde fomos recebidos e fomos apresentados a uma maquete do museu e as respectivas miniaturas das obras de Andersen. Silvia compartilhou que tudo que estávamos vendo, maquete e miniaturas, foram produzidos e confeccionados pela equipe do educativo do museu, comentou que seria uma forma uma das formas lúdicas utilizada pela equipe com os estudantes. Os participantes da oficina participaram da dinâmica proposta por Silvia e Adriana.

[—] 3/4

[—]



Fonte: autoria própria (2020)

Sílvia e Adriana realizaram o encerramento da oficina que contou com a participação de diversas pessoas que puderam conhecer os espaços do museu, compartilharam algumas experiências, conheceram algumas práticas de experimentações educacionais e de gestão institucional durante a oficina■

Referências:

CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS. 70 anos. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.cjap.pr.gov.br/70anos>. Acesso em: 02 jul. 2026.

MUSEU ALFREDO ANDERSEN. Professores. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.maa.pr.gov.br/Pagina/Professores>. Acesso em: 02 jul. 2026

MUSEU ALFREDO ANDERSEN. Residência Artística. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.maa.pr.gov.br/Pagina/Residencia-Artistica>. Acesso em: 02 jul. 2026.

MUSEU ALFREDO ANDERSEN. Sobre. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.maa.pr.gov.br/Pagina/Sobre>. Acesso em: 02 jul. 2026.

Organização e Apoio Técnico **9º Encontro Estadual de Museus**

EQUIPE COSEM

Cauê Donato

Adriana Alves da Silva

Ellen Cunha do Nascimento

Gabriella de Marafijo Kriack

Giovana Maria de Melo Teixeira

Guilherme Abrahão N. Costa

Kauanna Mahara Nhala Antoniacomi

Liliane Pinheiro da Luz Schlindwein

Luiz Fernando Nunes

Valquiria da Silva Costa

Wanessa Cardoso Wiacek Hainacki

Publicação dos Anais do **9.º Encontro Estadual de Museus** **do Paraná**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Amanda Rendy

PROJETO GRÁFICO

Jean Oliveira

REVISÃO

Alexsandro Manoel

FOTOGRAFIA

Anderson Tazato

Kraw Pemas

Anais do

9^o ENCONTRO ESTADUAL DE MUSEUS